

Memória da Geografia Escolar: Uma Experiência de Educação a Distância

Valéria Trevizani Burla de Aguiar¹, Ana Paula Santos Machado, Ana Regina Cardoso Cunha, Isabel Cristina Medeiros Mattos Borges, Yara Cristina Alvim²

A Universidade Federal de Juiz de Fora, no contexto da Universidade Aberta do Brasil (programa do Ministério da Educação que oferece cursos superiores na modalidade de educação a distância) criou o Curso de Pedagogia (formação de professores) em sete cidades-pólo³, situadas em diferentes regiões do estado de Minas Gerais, atendendo em cada pólo 50 alunos. Os alunos residem na cidade pólo ou em cidades próximas aos pólos e alguns têm experiência de magistério nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

A organização do curso é feita através da plataforma MOODLE (Modular Object Oriented Learning Environment), um software livre que apresenta diferentes possibilidades de interação com os alunos no ensino a distância.

A concepção e a organização da disciplina foi feita por um professor e um grupo de sete tutores que são responsáveis pela condução das orientações aos alunos. Não há material previamente elaborado no formato de apostilas para os alunos. Os alunos recebem, antes do início das aulas, o programa e a bibliografia básica da disciplina e, ao longo do desenrolar das atividades, recebem textos de apoio e podem recorrer aos tutores presenciais, que estão à disposição dos alunos, nos pólos. O curso é totalmente a distância havendo, ao final de cada disciplina, uma avaliação presencial.

No contexto do curso, a disciplina Geografia é oferecida em dois períodos consecutivos, com a carga horária de 60 horas cada um (Geografia I e II).

Na busca da compreensão dos saberes dos professores e de futuros professores, desenvolvemos essa pesquisa, que foi norteadada por dois objetivos: primeiro, buscar entender qual era a concepção de Geografia constituída pelos alunos ao longo do período escolar e, segundo, avaliar se os alunos mudaram o entendimento do que é Geografia após cursarem o primeiro período da disciplina. Conforme Tardif e Raymond (2000: 215), “o saber profissional está, de um certo modo, na confluência entre várias

¹ Doutora em Geografia, professora da disciplina Geografia na UAB – Universidade Federal de Juiz de Fora – Brasil.

² Tutoras a distância da disciplina Geografia no Curso de Pedagogia UAB – Educação a Distância – Universidade Federal de Juiz de Fora – Brasil.

³ As cidades são: Bicas, Boa Esperança, Coromandel, Ilícinea, Pescador, Salinas e Santa Rita de Caldas.

fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação etc.” Pautando-nos nas considerações dos autores, elegemos os saberes pessoais dos professores e os saberes provenientes da formação escolar anterior como objeto de análise.

A pesquisa se pautou em uma abordagem qualitativa e iniciada pelas seguintes questões:

1. Quais são os referenciais que lhes vêm à memória quando falamos de Geografia?
2. Como seria sua vida se não existisse Geografia e como a Geografia se faz presente na vida de vocês?

As respostas a essas questões foram postadas em um fórum de conversas que permitem a interação entre os alunos e entre alunos, professor e tutor do pólo. Avaliando as respostas dos alunos pudemos constatar que a escola lhes forneceu o grande referencial de compreensão do que é Geografia e, em geral, os estudantes consideram a Geografia escolar diferente daquela do seu cotidiano de vida. A Geografia que eles conheceram ao longo do processo de escolarização era alicerçada na memorização de longa nomenclatura, distante de ser algo importante na sua formação. A Geografia de seu cotidiano os levava a destacar as questões relativas ao meio ambiente.

Constatamos que os estudantes não incluíam a sociedade na discussão geográfica e que as representações do relevo, do clima, da vegetação e da hidrografia compunham, para a maioria, o referencial de conhecimento de espaço geográfico.

Após o mapeamento dos saberes dos alunos, iniciamos uma discussão acerca do conhecimento geográfico como conhecimento do senso comum e como conhecimento científico. Buscamos trabalhar com diferentes concepções de espaço geográfico e introduzimos discussões acerca dos conceitos de lugar, paisagem e território como fundamentais para o entendimento do espaço geográfico.

Ao longo da disciplina Geografia I, selecionamos fragmentos de textos de autores clássicos de todas as concepções teórico-metodológicas da Geografia para que os alunos pudessem comparar as distintas abordagens da Geografia escolar ao longo do tempo. A cada semana era incluída uma nova proposta de discussão, culminando com a avaliação dos elementos norteadores da Geografia como disciplina escolar conforme proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ministério da Educação.

No desenvolvimento da Geografia II, optamos por focar nos eixos temáticos propostos pelos PCNs voltados para uma reflexão da prática escolar, ou seja, as diferentes linguagens que permeiam o ensino de Geografia na escola fundamental.

Partindo agora para uma análise mais específica, com base nas experiências da equipe e nos depoimentos e atividades produzidas pelos alunos, apontaremos a seguir os principais aspectos que merecem destaques no processo de aprendizagem em cada cidade-pólo. Incluímos, ao longo do texto, depoimentos dos alunos mas só os identificamos com o primeiro nome, omitindo os sobrenomes.

A análise do percurso acadêmico das alunas do pólo de Bicas, nas disciplinas Geografia I e Geografia II, abrangeu uma turma relativamente pequena, com vinte e seis alunas. Embora fosse formada apenas por mulheres, esta turma possuía um perfil diversificado tanto no que se refere à faixa etária quanto à ocupação profissional. Apesar de a maioria situar-se entre a faixa dos 40 a 50 anos de idade, a presença de alunas mais jovens – entre 20 e 30 anos – também foi relativamente marcante. Em relação à formação profissional, pudemos encontrar uma diversidade de ocupações: professoras das séries iniciais do ensino fundamental, que possuíam, portanto um vínculo estreito com a escola; secretárias de escolas, costureiras, técnicas de enfermagem e, em menor escala (apenas dois casos), alunas que concluíram outro curso superior.

Esta variedade de formação foi um dos elementos centrais que demarcaram o perfil da turma e sua relação com a recepção e apropriação da Geografia durante o curso. Essa característica foi mais marcante no início da disciplina Geografia I, quando, em seus comentários relativos à definição da Geografia, ficava clara a delimitação de duas percepções marcantes. Uma delas, compartilhada pela minoria das alunas, entendia a Geografia como saber direcionado ao estudo da relação entre homem e natureza. Essa concepção do saber geográfico foi compartilhada entre as alunas mais jovens, as quais tiveram contato, em suas fases escolares, com um saber geográfico próximo de um viés teórico mais problematizador, como pudemos constatar em seus relatos pessoais acerca do ensino da Geografia em seus processos de escolarização.

A outra compreensão de Geografia, compartilhada pela maioria das alunas, vinculava o conhecimento geográfico ao estudo de categorias estáticas, sejam elas naturais (como relevo, clima, hidrografia, solo) ou políticas (estudo de mapas, capitais, países). Pudemos notar que esta concepção de Geografia esteve arraigada em seus processos de escolarização, como declara a aluna Ana Lúcia:

O que recordo da geografia que estudei é o seguinte: Conhecer os limites do nosso município, os rios, serras, vales, picos mais importantes do município, do estado ou do país, as divisões do Brasil em estados, capitais destes estados, vegetação, o relevo e outras coisas mais que agora não me recordo. Mas era tudo muito abstrato para mim, em um pequeno mapa do Brasil, do estado ou do município a professora passava a matéria para nós e tínhamos que aprender e decorar, pois as provas eram em forma de questionário, perguntas e respostas.

Embora a grande maioria das alunas tenha criticado o ensino da Geografia a que eram submetidas em sua fase de escolarização, a crítica se fixava apenas na metodologia, acusada com unanimidade de se pautar na memorização dos conteúdos. Contudo, os fundamentos teóricos eram naturalizados pelas alunas que, em muitos momentos, defendiam-nos como a essência do saber geográfico. A ênfase nos elementos naturais permanecia como referência, como revela a aluna Carolina ao afirmar que “sem a geografia não teríamos a previsão do tempo, não teríamos a noção de habitantes em determinado lugar, não saberíamos sobre os países”.

No decorrer do desenvolvimento das disciplinas, observamos mudanças nítidas na concepção da Geografia como saber e no seu papel como conhecimento escolar. O diálogo constante nos fóruns de discussão, aliado com reflexões teóricas dos textos de referência, contribuiu para que, paulatinamente, a compreensão da Geografia, na sua dimensão humana e dinâmica, passasse a se tornar parte integrante da percepção das alunas. No decorrer do curso, as alunas desenvolveram outras formas de visão do espaço geográfico, entendendo-o na sua articulação com o homem. Como destacou a aluna Ana Lúcia, “este espaço em construção e transformação pelas ações dos homens é o que compreendo como Espaço Geográfico. O Espaço Geográfico é dinâmico, resulta da compreensão das relações dos homens com a natureza.”

Esse mesmo processo de mudança de concepção do conhecimento geográfico ocorreu em suas noções relativas ao papel do ensino de Geografia na escola. A leitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais e a apresentação de alternativas metodológicas inovadoras contribuíram para a modificação no olhar das alunas. Muitas delas mobilizavam suas memórias relativas ao ensino de Geografia, contrapondo a metodologia de aprendizado pautada na memorização com as novas metodologias de ensino, baseadas na utilização de recursos variados e em uma relação dialógica entre aluno

e professor. Assim, o conhecimento abstrato, declarado pelas alunas em suas memórias, cedia espaço para comentários como o de Eliane, que afirma que:

Eu, como aluna, passei por esta fase em que só o professor falava, tudo era à base do decorar. A linguagem realmente não é só a palavra do professor, o ensino de Geografia deve decorrer do conhecimento do aluno, de sua vivência. O aluno tem que ter a oportunidade de expor suas experiências.

As mudanças de percepção das alunas foram mais explícitas em Geografia II, quando os referenciais geográficos, trabalhados em Geografia I, adquiriram sentido ao se relacionarem com reflexões voltadas para a Geografia escolar e ao mobilizarem a ação docente das alunas. Talvez, de todas essas transformações, o retorno mais significativo tenha sido a auto-reflexão realizada pelas alunas. Nesse sentido, o comentário da aluna Andréia é ilustrativo, quando ela afirma que:

Ainda é comum vermos por aí a concepção de geografia da minha época (20 anos atrás) muito presente, parece que os professores nunca ouviram falar do PCN, ou os que ouviram não leram. Este ano, incentivada pelo curso, levei vários recursos para sala, que não eram utilizados pela escola e por ninguém; eles estavam lá e simplesmente ninguém usa, eles usam mais o recurso do livro didático. A partir desse material pude descobrir como as crianças são curiosas, gostam de investigar, descobri o quanto elas já sabem, e qual é a euforia em conhecer coisas novas e como estão se desenvolvendo. Tenho usado em sala de aula um pouco de tudo que estou aprendendo aqui e me descobri recomeçando de novo.

Essas mudanças provocaram nas alunas outras compreensões de sua ação docente, seja entre aquelas que já se encontrariam inseridas no espaço escolar, sejam aquelas que ainda não adentraram na sala de aula. Nesse sentido, podemos afirmar que o estudo da Geografia possibilitou às alunas do pólo de Bicas refletir sobre sua ação docente ao descobrirem um novo saber e fazer geográfico dinâmico, que mobiliza os alunos como sujeitos integrantes e agentes do espaço geográfico em que estão inseridos.

Boa Esperança é uma cidade situada no sul do estado de Minas Gerais, às margens da represa de Furnas, que na região forma um imenso lago, e conta com uma população de 47.000 habitantes. A turma é composta por 48 alunos, predominantemente do sexo feminino (apenas dois homens) e, quanto à formação e atuação profissional, bastante

heterogênea. O pólo tem uma importante atuação microrregional visto que há alunos provenientes de diversas cidades próximas, onde residem e trabalham.

Nos primeiros contatos com os estudantes, orientamos para que fosse feita uma reflexão acerca da memória que possuíam da Geografia escolar e qual era a importância dessa ciência para a vida deles. Através das mensagens que os alunos postavam no fórum de discussões, constatamos que havia quase unanimidade quanto ao conceito de Geografia, uma disciplina enfadonha, pautada na memorização de nomes de acidentes da natureza: rios, lagos, montanhas, capitais de países, entre tantos outros. À medida que o curso caminhava, as manifestações dos alunos se diferenciavam das iniciais, como pode ser constatado na opinião de Dalva, após duas semanas de aulas:

Como já citei no fórum anterior, tenho grandes dificuldades com este assunto, por não ter tido base e ter criado um bloqueio quando tive esta disciplina no ensino fundamental. Por isso digo, com conhecimento de causa, que sem a aprendizagem da Geografia, ficamos pelo meio do caminho. Sem o conhecimento do conteúdo que esta matéria nos fornece, teremos dificuldades com quase todo tipo de assunto.

Alguns dos estudantes são professores e atuam como tal nas séries iniciais do ensino fundamental. Logo no início da disciplina constatamos o olhar diferenciado para a Geografia daqueles que são professores, em relação aos outros, posto que a própria orientação que recebem nas escolas levam-nos a reflexões diferenciadas sobre os conteúdos escolares; entretanto, não sabiam muito como aplicar as orientações recebidas no cotidiano da sala de aula e, muito menos, explicar o porquê das mudanças propostas.

Ao final do curso, todos os alunos faziam relações entre o conceito de paisagem e o lugar onde moram; faziam propostas de atividades para com os alunos do ensino fundamental direcionadas ao conhecimento do lugar, da paisagem local, articulando as relações que se estabelecem entre a sociedade e a natureza, como o homem se apropria do espaço e dele faz sua morada.

Contando com uma população de 28.000 habitantes, Coromandel situa-se na região do Triângulo Mineiro, próxima às cidades de Uberlândia e Uberaba, que têm boa infra-estrutura cultural e educacional. Os alunos desse pólo, no total de 49, têm melhores condições de acesso a informações e a bibliotecas do que os dos demais pólos mas nem assim, apresentaram uma concepção diferenciada da Geografia escolar. O registro feito pela aluna Leila é bastante ilustrativo no que concerne à Geografia escolar:

Durante o tempo que cursei o ensino fundamental a minha relação com a disciplina de geografia não foi das melhores. Eu considerava essa matéria um pouco cansativa. Lembro-me como se fosse hoje, a professora de pé,

perto do quadro explicando a matéria, eu olhava para ela enquanto explicava, mas não ouvia nada, eu ficava absorta em outros pensamentos e aqueles quarenta minutos de aula pareciam uma eternidade. Foram quatro anos seguidos: a mesma professora, a mesma rotina, uma mesmice que me causou certa rejeição pela matéria; portanto tenho ainda algumas lembranças. Estudávamos geografia física, que se concentrava nas características naturais do Brasil, como o clima, a vegetação, a hidrografia, relevo e os impactos causados pelas explorações.

As disciplinas Geografia I e Geografia II foram conduzidas igualmente nos diferentes pólos e vale registrar trecho do texto da mesma aluna, ao final da Geografia I, posto que se constata a enorme mudança ocorrida ao longo do curso:

O lugar é um espaço geográfico onde estabelecemos vínculos afetivos, onde vivemos experiências e realizamos nossas atividades cotidianas. As pessoas trabalham, moram e estudam, em lugares diferentes, mantendo relações com diversas pessoas e lugares distintos, por isso os lugares e as pessoas estão sempre relacionados. Em todos os lugares existe uma paisagem geográfica, esta, modificada pela ação humana, está em constante transformação, pois o homem ao realizar atividades cotidianas, seja indo e vindo ou construindo casas, contribui para que a paisagem mude a cada instante. No entanto o homem se apropria da paisagem assim como de um território, que se constitui em um terreno mais ou menos extenso é apropriado por uma sociedade.

Em outra frente, falando dos alunos do pólo de Ilicínea, cidade com a economia alicerçada na agricultura e na pecuária, encontramos uma turma formada na sua quase totalidade por alunos acima de 25 anos. Alguns já exerciam a profissão de professor, ou cursaram o curso de formação de professores com nível médio ou tinham licenciatura em disciplinas específicas. Outros terminaram o ensino médio e trabalhavam nos setores primários, secundários e terciários. Assim, observou-se uma heterogeneidade com relação a formação educacional do grupo.

No início da disciplina Geografia I, foi planejado que os estudantes seriam convidados a explicar sobre como foi o ensino da Geografia para suas vidas durante o ensino fundamental e médio, como ele se processou, procurando retirar das recordações que ficaram e das lembranças que mais marcaram o sentido daquilo que aprenderam. Foi observado, através dos depoimentos, que para alguns a disciplina Geografia não ficara marcada como uma matéria especificamente baseada no gravar sem sentido, sem preocupação com a compreensão do conteúdo. Gravar fatos e nomes de maneira, muitas vezes, estanque. Uma geografia entendida apenas como física, na qual o homem não está

inserido, sem participação. Para ilustrar essas percepções iniciais, nos valem do depoimento da aluna Luciene:

Estudar geografia é muito importante para que possamos conhecer e interagir com o meio em que vivemos e com o mundo, nos inteirando e conscientizando dos problemas do nosso planeta. Me recordo com saudade do professor Tadeu (ensino médio), que nos ensinava de maneira interessante, sempre se preocupando com a nossa aprendizagem e também nos motivando, para que pudéssemos nos interessar e compreender a geografia.

Ficou claro que a maioria havia lidado com professores que tiveram a preocupação de mostrar o cunho social, político e humano da disciplina. No entanto, outros alunos não tiveram a sorte de lidar com o tipo de profissional mencionado, ficando com uma má impressão da matéria, inclusive classificando-a como uma disciplina chata, desagradável de estudar, como registrado nas palavras da aluna Sonia:

De 5ª a 8ª série do ensino fundamental o ensino de geografia foi na base da “decoreba”, a professora pedia para fazer o resumo do capítulo, copiávamos o 1º parágrafo, um ou dois do meio do texto e o último, no dia seguinte ela pedia para respondermos o questionário, tínhamos um caderno de exercícios do livro, e em outra aula ela passava as respostas no quadro e corrigíamos para decorar no dia da prova.

Outros, no entanto, destacaram o fato de que somente no Ensino Médio tiveram contato com uma abordagem mais ampla sobre a Geografia.

Com a introdução dos temas semanais determinados, observamos que o interesse da turma crescia. Os alunos começaram a despertar para uma discussão sobre paisagem, espaço e território, e, com o término do conteúdo da Geografia I, ficou a certeza de que muito havíamos contribuído para a ampliação das discussões dos temas que foram colocados em pauta, conquistando os alunos que tinham uma visão errônea da matéria.

No período seguinte começamos uma nova etapa, a Geografia II, e, ao abrirmos o espaço, entre outros assuntos, reforçamos um debate sobre a importância dos parâmetros curriculares e as diferentes linguagens no ensino da Geografia, explicadas na fala da professora Valéria:

Diferentes fontes de informação, dentro e fora da sala de aula, significa recorrer a relatos de observações, a fotografias, textos de jornais, de revistas e de outros livros, além do didático, televisão, rádio, filmes, jogos, vídeos, *sites* na *internet* e fontes orais que compõem um vasto e rico material a ser utilizado no processo de ensino/aprendizagem de Geografia.

Os alunos debateram idéias como a crescente tomada de consciência das crianças quanto à preservação e a importância da continuidade desse processo na ação efetiva e transformadora dos professores e alunos. Essa tomada de consciência citada provavelmente parte do princípio de que estamos acertando no tratamento dado à Geografia, uma Ciência que permite à população se sentir componente do mundo.

Quando chegamos ao final do curso pudemos perceber que os objetivos tinham sido alcançados tanto quanto à desmistificação, para alguns, do que seria o ensino da Geografia quanto à ampliação do entendimento dos conceitos importantes para levar aos alunos das séries iniciais uma formação mais adequada, voltada para as competências desejadas na formação do homem, cidadão e habitante do cosmos.

Na pequena cidade de Pescador, cidade do norte do estado, uma das regiões mais pobres de Minas Gerais, o curso de Pedagogia, tornou-se, para muitas alunas, motivo de grande esperança quanto à possibilidade de transformação da realidade em que vivem. Reproduzindo a heterogeneidade de formação como nos demais pólos, como em Bicas, todas as participantes do curso são mulheres, mas por razões que talvez sejam diferentes.

Em Pescador, seguindo uma tendência regional, as crianças (principalmente os meninos), são educadas para, na adolescência, partirem com o pai para trabalhar no exterior (com mais frequência EUA, França e Portugal), onde costumam permanecer durante anos, havendo casos nos quais nem retornam ao Brasil. Assim, grande parte da população fixa da cidade é formada por mulheres, jovens ou de meia idade, e crianças. É em torno desse projeto de “ganhar a vida em outro país” que se organiza a lógica econômica, política e cultural da cidade.

O primeiro contato com a turma de Pescador, através da Geografia I, sinalizou a predominância do entusiasmo com a disciplina, que muitas alunas descreveram como ampla e interessante. Através da primeira atividade, onde se questionou às cursistas sobre como a Geografia se fazia presente em sua memória, os depoimentos passaram a apresentar maior complexidade e foram, então, expressadas algumas preocupações e lembranças sobre o conteúdo da disciplina, resumidas a seguir num trecho da tarefa da aluna Marília, ao recordar seu aprendizado:

...confesso que não ficava à vontade, as aulas eram ministradas de forma muito radical, não se discutia a geografia em âmbito social, só víamos mesmo nesta época a geografia teórica sem temas transversais, ela tinha

enfoque enciclopédico, regionalmente compartimentado em aspectos naturais, aspectos populacional e econômico. Aquelas teorias onde a geografia se apresentava com mapas, fusos horários, continentes e os países e suas capitais; éramos obrigados a decorar as principais capitais dos estados e países.

Perseguindo o objetivo de promover uma transformação no referencial de compreensão da Geografia nas futuras educadoras, fomos ampliando então as discussões, paralelamente às leituras sugeridas.

A cada conceito construído (lugar, paisagem, território, conhecimento científico, cotidiano), relacionado às propostas dos PCNs, fomos registrando, por parte das alunas, uma perceptível transição para um novo entendimento da Geografia, vinculado igualmente ao reconhecimento paulatino do potencial transformador do (re)conhecimento do espaço geográfico.

Em muitos aspectos, os resultados do nosso trabalho no pólo de Pescador se aproximam de pontos tratados em outros momentos deste texto. No entanto, acreditamos merecer destaque o fato de que as abordagens das disciplinas Geografia I e Geografia II propiciaram uma marcante reflexão entre muitas alunas, ampliando as possibilidades sobre sua atuação e transformação do seu próprio espaço geográfico, inclusive e principalmente como educadoras, num contexto no qual, conforme vimos, predomina um certo abandono e desencanto com o meio onde vivem, gerando uma estagnação desse espaço, em prol de um projeto local de migração para outros países.

O pólo de Salinas é formado por uma turma de 43 alunos provenientes não só da sede do pólo como de cidades próximas. A cidade de Salinas está situada em uma das regiões mais pobres do estado, no semi-árido e com uma economia predominantemente voltada para a agropecuária. A cidade se projeta no cenário nacional pela produção de cachaça.

Como nos demais pólos, ao iniciar a disciplina, os alunos demonstraram pouco interesse pela Geografia, posto que a memória de sua escolaridade não era das mais promissoras. Ana Aparecida resumiu o sentimento da turma, com muita propriedade:

A relação que tive com a geografia quando aluna era de aulas bastante tradicionais, professora rígida e tradicional que tinha sua opinião formada; usava sua experiência para ensinar os conteúdos como: relevo, solo, clima, vegetação, superfícies, quadro cheio e mal explicava a matéria, não dava oportunidade de fazer perguntas e a seguir exercícios. Éramos obrigados a saber tudo que foi dado na ponta da língua, pois com poucos dias era prova.

Lembro-me, como se fosse hoje, quando a professora nos dava um mapa para que decorássemos os estados, capitais e regiões tudo era aprendido forçado na base da “decoreba”; negávamos as possibilidades de um conhecimento que passasse pela objetividade do imaginário, pois tínhamos muito medo fazer perguntas para sanar nossas dúvidas. Naquela época tínhamos muito receio e respeito pela professora e ainda com seu jeito autoritária então acabava quebrando o elo entre aluno e professor.

Constata-se que a Geografia ensinada era voltada para categorias estáticas do espaço geográfico e não despertavam o interesse dos alunos para tal. Essa concepção norteou inclusive as ações posteriores de vários professores em sala de aula, posto que não conheciam nenhuma maneira de refletir sobre o espaço geográfico.

Entretanto, ao final da disciplina, os alunos deram interessantes depoimentos sobre o conhecimento geográfico, inclusive aplicando as noções discutidas ao longo das aulas, sobre o lugar onde moram e trabalham. Afirmaram que a disciplina foi de fundamental importância para a mudança de atitudes com seus alunos e, sobretudo, com a sua cidade, na condição de moradores e agentes importantes na divulgação desses conhecimentos para seus pares.

O pólo de Santa Rita de Caldas contou com 45 alunos matriculados, sendo 32 freqüentes e participantes das atividades desenvolvidas no curso – três homens e as demais, mulheres. A 454 quilômetros da capital, a cidade fica no sul de Minas Gerais, tendo a agropecuária e a agroindústria como sustentação econômica de suas atividades e clima tropical de altitude. O município possui 502 quilômetros quadrados de extensão e uma população de 9.264 habitantes divididos entre a cidade e a zona rural. Destaca-se pelas manifestações religiosas muito fortes e por suas belezas naturais.

Ao iniciar a disciplina, alguns alunos já demonstraram que sentiam um pouco de dificuldade ou resistência, muitas vezes devido às experiências dos Ensinos Fundamental e Médio. No primeiro módulo, as participações eram tímidas e, ainda, dificultadas pelos constantes problemas de acesso à rede no pólo e pela falta de domínio técnico para a execução das tarefas e participações nos fóruns. Os alunos se viam forçados a fazer uso das novas tecnologias da comunicação para obterem as informações necessárias para seus estudos cotidianos.

Gradualmente, os cursistas, entendendo a Geografia e seus conceitos mais básicos, perceberam a possibilidade de conhecer, discutir e incorporar as técnicas, recursos e linguagens mais recentes à sua prática cotidiana, e, concomitantemente, passaram a encarar os desafios das novas mídias e lidar bem com elas.

No decorrer dos módulos, ficou evidente a necessidade que a turma tinha de conhecer seu próprio meio e, dentro dos conceitos apreendidos, interpretar, julgar e conceber as relações entre o povo e seu espaço. Para tal, foi indispensável que, de alguma forma, o cotidiano, o lugar imediato, estivesse presente nas nossas discussões, com o intuito de colocá-los como agentes na transformação desse meio que, segundo os próprios alunos, desconheciam até aquele momento.

As várias linguagens que a própria educação a distância nos desperta ao uso foram abordadas objetiva e claramente, com diversas propostas das diferentes e atraentes formas as quais podemos empregar para trabalhar a Geografia no Ensino Fundamental. No pólo de Santa Rita de Caldas, o interesse por essa nova abordagem gerou propostas que levaram os alunos a repensar suas práticas e aliar o conteúdo teórico à sua prática cotidiana. Dividindo, pensando e discutindo as propostas dos colegas, todos puderam, nesse processo, refletir a Geografia, reparando possíveis idéias e conceitos que talvez não estivessem esclarecidas para esses graduandos e que ali foram investigadas.

Pensando na análise de seu espaço, foram propostas várias atividades que incentivavam os alunos no conhecimento de seu meio: o município, o rio, a vegetação, o clima, as atividades econômicas. Uma das discussões tratava da linguagem fotográfica, quando postamos uma foto panorâmica da cidade para que os alunos discutissem. Muitos dos alunos não perceberam que se tratava de Santa Rita de Caldas, e observaram que precisavam examinar melhor o espaço produzido por eles. Porém, quando percebido, alguns trataram de examinar o que até então parecia obscuro, como revelou o depoimento de Ana Maria:

Acredite, demorei alguns segundos (mais que o normal) pra reconhecer a cidade que é sede do pólo. A formação vegetal de Santa Rita de Calda constitui-se em sua maioria de pastagens naturais. Cercada por serras, a maioria destas pastagens contém pedreiras, onde estas pastagens são muito aproveitadas para criação de gado. As partes de campos (rurais) são aproveitadas para plantio de batata, milho, feijão, napier e outras poucas diversidades. Não vemos em nossa cidade, muitas plantações mais duradouras, como o café, mas na região e nas cidades circunvizinhas, é muito comum vermos. É uma cidade de morros. Sua ocupação iniciou-se no centro, onde foi construída a Igreja Matriz, e se espalhou, ao meu ver, de forma bastante igual pelas laterais. Temos um rio que atravessa a parte baixa da cidade, as habitações às suas margens também ocorreram e, mesmo com enchentes, nas épocas de chuva, não se sofre calamidades como as vistas noutras encostas. Usa-se muito das águas do rio e de represas construídas com o propósito de irrigação. O comércio está focado no centro da cidade, mas hoje podemos vê-lo se espalhar por todo os lados da cidade, visto que a população se expandiu para estes lados e deve ser atendida em todos os aspectos. (...) Levar o aluno a entender Geografia baseado somente em livros, mesmo atuais, fica obsoleto. A proposta, segundo o texto, é de que dentro de sua própria linguagem,

o aluno entenda que a Geografia está em constante construção e que ele é o sujeito-arquiteto deste saber e transformar do espaço em que vive e que ocupa.

Assim, quando se entende o agente geográfico, há domínio dos conceitos e encontra-se a percepção de como utilizar das diferentes formas de abordagem para levar esse conhecimento crítico ao aluno; estimula-se o indivíduo a repensar seu mundo e suas interações, entendendo seu espaço e os elementos que o compõem.

O poder das discussões pelo computador contribuiu para o trabalho conjunto, referenciando para um o saber do outro, influenciando a forma de pensar dos graduandos. A educação a distância deve ser vista e produzida não como uma simples maneira de reduzir o afastamento físico que dificulta e desestimula os estudantes, ou como um simples levar conteúdos e métodos do ensino presencial para esta nova modalidade. O ensino de Geografia a distância se mostrou como uma excelente ferramenta, permitindo que esses meios e novos métodos possam ajudar os profissionais da área de educação na melhoria da qualidade do ensino de Geografia em sala de aula, utilizando-se dos diversos modos de mediação e aparatos empregados na estruturação do conhecimento geográfico.

Após a avaliação do desempenho dos alunos em todos os pólos entendemos que o resultado do trabalho foi positivo devido às respostas obtidas. Ao final da disciplina, comparamos os referenciais iniciais apontados pelos alunos e constatamos a mudança significativa na compreensão do que é o espaço geográfico, que será fundamental para uma mudança da Geografia na educação básica, posto que estamos formando professores que atuam e atuarão neste segmento.

Por fim, cabe ressaltar que a educação a distância tem permitido uma mudança qualitativa na formação de professores no país.

Referências:

<http://www.uab.ufjf.br> - Disciplinas Geografia I e Geografia II, acesso de abril a dezembro de 2008.

TARDIF, M. & RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 73, dez. 2000.